

Relatório Final Formação Sagrado Feminino no Cristianismo

Ana Felisbela de Albuquerque Piedade

Introdução

O relatório que se apresenta consiste numa reflexão muito breve e algo intimista a partir dos materiais disponibilizados e do meu próprio percurso formativo. Trata-se de revisitar umas matérias e olhar outras de ângulos diferentes, fazendo uma viagem por mitos, ritos, arquétipos e personagens do bestiário tradicional português que evocam medo, fascínio, poder e uma continuidade espaço-temporal que resulta de migrações, cruzamentos entre diferentes povos, fenómenos de sincretismo e uma identidade coletiva ancestral que nos remete para a essência da própria humanidade.

Debruçar-me-ei sobre dois pontos apenas: Reflexão geral sobre a formação e Aprendizagens realizadas.

Reflexão geral sobre a formação

Considero que a formação foi extremamente interessante e abrangente. Os conteúdos foram abordados de uma forma muitíssimo organizada e sistematizada, mas ao mesmo tempo suscitando a reflexão por parte dos formandos. Considero de enorme importância a abertura e disponibilidade da formadora para responder a todas as questões colocadas e sugerir que se fosse mais além em termos de pesquisa.

A bibliografia complementar sugerida e os materiais de apoio disponibilizados, bem como a gravação das aulas, constituem recursos importantes para revisitar a formação, tirar dúvidas pontuais que possam surgir e fazer novas leituras destas matérias, à medida que se for evoluindo na investigação do assunto.

Aprendizagens realizadas

É, por vezes difícil a consciência das aprendizagens feitas, contudo elas existiram, sem dúvida e ligaram-se a conhecimentos anteriores, suscitando uma visão diferente e mais aprofundada do papel das mulheres e dos atributos femininos na religião cristã, dos seus primórdios até ao presente.

Considero que alguns aspetos da matéria abordada – e porventura os que mais me fascinam – consistiram numa revisitação dos mitos fundadores e primordiais ligados à feminilidade e ao poder que esta encerra.

A relação entre mulher e ciclos temporais marcados pela ligação íntima dos seus ritmos biológicos e da natureza, remete-nos para o sagrado feminino presente num amplo conjunto de religiões e ritos de fertilidade que durante muito tempo regeram (e continuam a reger, em muitos contextos) a vida da humanidade e a identidade dos humanos.

A mulher geradora e acolhedora de vida, que alimenta e se sintoniza com a lua, desde o aparecimento humano, emerge ainda hoje, nos símbolos e signos arquetípos que decoram templos e fazem parte da nossa memória coletiva. De resto, influencia ainda hoje, o modo como se concebem, mas sociedades agrárias, as feiticeiras e as bruxas, por norma mulheres inférteis no período de menopausa ou pós-menopausa, capazes de “lançar mau olhar” ou “deitar quebranto” a pessoas, animais ou plantas e, portanto, conotadas com o sobrenatural negativo ou divindades destruidoras. No lado oposto do espectro, surgem as divindades protetoras, que aparecem para advertir, proteger e aconselhar (as aparições âmbito do Cristianismo são femininas – as virgens) ou curar – a ideia da grande mãe.

A aspiração e o temor pelo sagrado, pelo numinoso e os fenómenos de sincretismo religioso que ainda hoje existem no mundo e afetam as nossas vidas quotidianas, ficou bem presente da primeira à quarta sessão.

O sincretismo religioso a que se assiste nos diferentes contextos de emergência do sagrado, politeísta primeiro e numa segunda fase monoteísta, remete-nos para os territórios do próximo Oriente, povos semitas (com a emergência das três religiões monoteístas) e para a antiguidade clássica. Cruzam-se, portanto, divindades semitas, gregas e romanas, transfiguradas das vénus do paleolítico e do neolítico e de divindades animistas. Este caldo cultural que coloca a ênfase do feminino na relação com a natureza e do masculino na relação com a cultura, estabelece o embrião de formas de poder posteriores, com o postulado da “necessidade” do controle da natureza pela cultura e, conseqüentemente, do feminino pelo masculino – de que o mito de Apolo e Dafne, é um exemplo: "Se não podes ser minha mulher, serás minha árvore sagrada".

A deusa mãe que recebe a semente e a transforma em nova vida continua a ser cultuada atualmente, apesar de ligada à emergência da agricultura, por exemplo na festa das Maias. Quando recebe o corpo morto e o devolve renovado, ela torna-se trilogia de Vida-Morte-Ressurreição, como no Dia da Espiga - o trigo, as papoilas, os pampilhos, as folhas de oliveira, que, viventes vão secar, trazendo vida (sangue/papoila); alimento (trigo), paz e luz (folha de

oliveira), ouro e prata (pampilhos) e fazer com que a natureza renasça. Ao mesmo tempo, o pão que nesse dia se guarda, torna-se incorruptível, remetendo-nos para a eternidade e renascimento. A nossa história humana é profundamente atávica, sendo os processos de industrialização extraordinariamente recentes e encontrando-nos a dar os primeiros passos na era da terciarização e do digital. Se técnica e tecnologicamente o salto tem sido imenso nos últimos anos (sim conquistámos parcialmente o espaço e, nesse sentido, ficámos mais perto dos atributos que conferimos às divindades), as nossas estruturas mentais, os arquétipos, lidam com o peso e o espaço de conforto de milénios passados, fazendo com que a nossa identidade de grupo se forje em crenças ancestrais comuns que, com a liberdade pessoal e cultural que possuímos, vamos construindo a cada momento.

A mulher enquanto intermediária entre pai e filho(s), aparece retratada no contexto familiar de grande parte das sociedades ao longo do tempo e, ainda hoje, no contexto português, servindo, frequentemente de mediadora ou facilitadora da paz, como em variadíssimos exemplos históricos (entre D. Dinis e D. Afonso IV; entre D. Afonso IV e D. Pedro I, por exemplo).

Os arquétipos ligados ao feminino, relacionados com a água, a luz e as cavernas, têm ainda hoje, eco nas histórias sobre muitas divindades (da ponte da Misarela; Maria Gancha; Maria Manta ou as Hirãs) ou moiras encantadas (eventuais divindades celtas) que se escondem em poços, minas, cavernas ou rochas e fragas junto de cursos de água. O seu cabelo louro brilha como luz, e penteiam-no com pentes de marfim, na noite de S. João (o tempo do solstício de Verão). São meias mulheres meias cobras (ou bichas), que guardam tesouros e aparecem aos homens (sempre aos homens) à meia-noite ou em sonhos e serão desencantadas pelo homem suficientemente corajoso para as beijar e suficientemente discreto para não contar que com elas sonhou três noites seguidas ou as viu. Como recompensa será rico para sempre e possuidor de enorme tesouro, mas os homens que não estiverem à altura do desafio, receberão carvão e o encanto da bicha será dobrado em anos.

Todos estes lugares, aliados ao feminino, implicam ruturas e ciclos de transformação bem como metamorfose do próprio corpo aliados às diferentes fases de maturação das mulheres. O sangue (que se verte sem que implique enfraquecimento ou morte) e o leite que espontaneamente “sobe” à mulher e é alimento suficiente para nutrir uma criança, constitui um dos grandes “mistérios da natureza”, tornando-a “divina”.

Como o próprio ato do nascimento, culturalizado em todos territórios, rodeado de regras específicas que remete para a vulva como órgão simultaneamente cultuado e vastamente representado ou, pelo contrário, alvo de “vergonha”, “impureza”, “pecado” e, por isso,

escondido, tapado e proibido, resultado, eventualmente, “do dogma da virgindade perpétua de Maria, que enfatiza a característica da Deusa-mãe-terra, que concebe os seres por partenogênese.” O que coincide com a passagem da relação entre divindade e fertilidade, sexo, para a relação que no cristianismo se estabelece entre virgindade e divindade; entre abstinência e controle sexual e pureza

A ideia passada na terceira sessão, de que é fundamental compreender a língua original em que os diferentes povos produziram os arquétipos e a ideia de Deus, no contexto do judaísmo e do cristianismo, bem como o reforço de que “Deus é o modelo: não só do masculino mas também do feminino”, é de extrema importância para poder discutir os papéis de género nos diferentes contextos espaço-temporais e como eles moldam, também através das estruturas linguísticas e da nomeação, os próprios atributos de Deus. Leva-nos a refletir de que forma as estruturas da língua portuguesa, com a ausência do artigo neutro ou outro que nos remeta para a simultaneidade do masculino e feminino, nos obriga a optar por classificações masculinas e femininas, no que concerne ao mundo que nos rodeia e, indo mais além, a pensar nas razões pelas quais em português, Deus é, antes de mais, entendido como Pai, embora sem qualquer artigo que o preceda. De facto, diz-se “Deus” e não “O Deus”.

As questões da tradução e da equivalência do sentido das palavras, criam situações dúbias e difíceis de resolver, que se vão fixando sobretudo, através da linguagem escrita – ela própria produto de um contexto e de uma circunstância.

Reflexão Final

O sincretismo cultural e o religioso são incontornáveis na vida dos diferentes povos, remetendo-nos para arquétipos coletivos que só podem entender-se através de um estudo aprofundado das estruturas e dos quadros sociais da memória, remetendo-nos, por isso, para o tempo da muito longa duração no qual é possível identificar as transformações e permanências da cultura como uma construção humana.